

Índios: agressão à cultura

JORNAL DE OPINIÃO (BH)
14-21/4/91 - P.03

DINRO 184

No último dia 15 de janeiro, o mundo estava de olho no ultimato dado pela ONU para que o Iraque deixasse o Kuwait. No mesmo dia, em um lugar perdido da região central do Brasil, caía mais uma vítima de uma guerra histórica: a guerra da cultura branca ocidental contra as tradições culturais e espirituais dos povos indígenas.

Naquele dia, a índia Tânia Gonçalves Garcia, do povo guarani-kaiowá, de 13 anos, provocou o suicídio ao tomar uma dose de Aldril-40, veneno usado no combate às formigas. Foi o 75º caso de suicídio ocorrido em dois anos na área indígena de Dourados, Mato Grosso do Sul.

O caso do suicídio em massa na reserva indígena de Dourados tem intrigado antropólogos e funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai). A maior parte dos índios que cometem o suicídio está na faixa dos 13 aos 17 anos, idade em que os Guarani iniciam os preparativos para o casamento. Os chefes indígenas explicam o suicídio pela ausência, na reserva, dos líderes religiosos Guarani conhecidos como "nhanderu", que teriam o poder de acabar com o fenômeno, causado por "feiticeiros do mal". No início de fevereiro, um "nhanderu" vindo do Paraguai chegou à reserva de Dourados.

Por suas características peculiares, o caso do suicídio em massa na reserva de Dourados ganhou as manchetes da imprensa brasileira e internacional. As condições de violência a que são submetidos os índios dessa reserva são as mesmas da maioria dos povos indígenas no Brasil.

Convivem na área indígena de Dourados cerca de sete mil índios dos povos Guarani-Kaiowá, Guarani-Nhandewa e Terena. Donos imemoriais de grandes extensões de terra, esses povos foram sendo roubados e, hoje, vivem comprimidos em um território, de 3.560 hectares, insuficiente para o pleno desenvolvimento dos seus valores culturais e espirituais. Em contato direto com a cultura branca, os índios de Dourados têm perdido suas referências culturais históricas. Transformaram-se em trabalhadores bóias-frias, empregados mal-pagos dos fazendeiros que tomaram as suas terras. Na reserva, existem pelo menos sete bares, apesar da venda de bebida alcoólica a índios ser vetada pela Legislação Brasileira. Humilhados e marginalizados, os jovens da reserva de Dourados parecem ter encontrado no suicídio a sua forma de protesto contra a violência histórica contra seus povos.

A violência contra os índios brasileiros começou quando os portugueses aqui chegaram, em 1500. Cálculos indicam que, na época, viviam de 5 a 8 milhões de índios no país. Hoje, são pouco mais de 230 mil. Mais de 100 povos foram dizimados.

O caso Yanomami

O massacre tem continuado. A atenção da opinião pública brasileira e internacional voltou-se mais para a questão indígena no país com as frequentes denúncias de violência contra o povo Yanomami, em Roraima, cujas terras foram invadidas principalmente a partir de 1985, por milhares de garimpeiros. Estima-se que cerca de 40 mil garimpeiros ocuparam o território Yanomami. Com o garimpo, veio a morte, através das doenças contra as quais os índios não têm proteção natural. Nos últimos três anos, mais de 1.500 Yanomami foram mortos, de doenças como malária e tuberculose.

A situação dos Yanomami causou uma indignação mundial. Sob intensa pressão, o governo Collor iniciou, em maio de 1990, uma operação destinada a destruir as pistas de voo clandestinas construídas na área Yanomami para servir aos garimpeiros. A operação foi retomada em outubro. Vários aeroportos clandestinos foram destruídos, e a presença de garimpeiros diminuiu muito. Entretanto, as lideranças indígenas de Roraima e organizações como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) estão denunciando que novas pistas foram construídas, e que os garimpeiros têm retornado às áreas indígenas.

Muitos dos garimpeiros que saíram do território Yanomami passaram, por outro lado, a invadir áreas indígenas de outros povos em Rondônia, Amazonas e inclusive Roraima. A partir do final de 1990, começaram a ser invadidas as áreas dos Uru-Eu-Wau-Wau e Karipuna em Rondônia. Os garimpeiros têm ocupado pontos distantes da área dos Uru-Eu-Wau-Wau, com helicópteros e lanchas possantes, enquanto os funcionários da Funai e indigenistas apenas podem chegar ao local em simples barcos. Já o povo Karipuna, reduzido a apenas 20 índios, é hoje um dos povos mais ameaçados de extinção no Brasil.

Um estudo do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) indica que pelo menos 40 grupos de índios ainda não contatados pelo homem branco estão seriamente ameaçados de desaparecer no Brasil. Organizações como o Cimi, Cedi e a União das Nações Indígenas (UNI) têm afirmado que o genocídio indígena no Brasil apenas será encerrado com a demarcação definitiva dos territórios originais desses povos.